



PECUÁRIA INDUSTRIAL:

outra forma de extrativismo na América Latina

A criação industrial de animais, ou pecuária industrial, refere-se à reprodução, criação, abate e processamento de animais de produção, bem como às atividades relacionadas à alimentação desses animais.

Trata-se de uma indústria que não reconhece os animais como seres sencientes.

 **80
BILHÕES**

Em 2022, 80 bilhões de porcos e galinhas foram abatidos, e esse número continua crescendo.

Com impactos em escala global:

- É a indústria que mais destrói os ecossistemas do planeta, incluindo a Amazônia.
- É a segunda maior causa da crise climática, atrás apenas dos combustíveis fósseis.

Esta indústria é monopolizada por grandes corporações que destroem a floresta e os habitats da fauna silvestre de territórios altamente biodiversos: contaminam a água, desmatam, concentram terras, permitem o sofrimento animal e a perseguição das comunidades.

É um modelo baseado no extrativismo: produzir na América Latina para consumir no Norte Global.





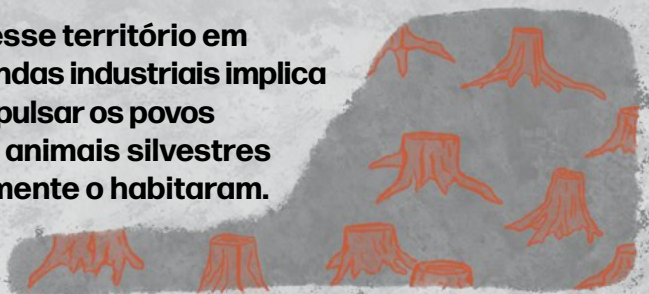
COLOMBIA



Territórios indígenas transformados para a pecuária industrial

Após a assinatura do Acordo de Paz entre o Estado colombiano e a guerrilha das FARC, em 2016, a pecuária industrial cresceu exponencialmente. Durante o conflito armado, os membros das FARC controlavam o desmatamento indiscriminado na floresta. Com a saída do grupo, paramilitares e corporações passaram a desmatar a selva para introduzir grandes rebanhos de gado, atividade que frequentemente se torna o “negócio” ideal para a lavagem de dinheiro.

Transformar esse território em extensas fazendas industriais implica desmatar e expulsar os povos indígenas e os animais silvestres que historicamente o habitaram.



Pecuária na Amazônia colombiana

No Guaviare, o número de grandes propriedades pecuárias dobrou entre 2016 e 2023. É ali que vivem os Nukak, o último povo nômade da Colômbia. Com a chegada da pecuária extensiva, eles perderam seu território, suas práticas culturais e seus alimentos ancestrais, como o açai, a guama e o cumaré. Ao mesmo tempo, seu acesso à água potável é limitado, já que a maioria das fontes de água foi cercada para os animais de criação.

Esse gado é de uma espécie europeia que não está adaptada ao clima tropical. O solo argiloso da região faz com que parasitas se alojem em seus cascos, causando dor e doenças. **Para viabilizar sua comercialização, 190 km de floresta foram desmatados em cinco assentamentos Nukak para a construção da estrada conhecida como “Trocha Ganadera”.** Ali, todos os dias, o gado é transportado por até doze horas, exposto às intempéries, para ser abatido.

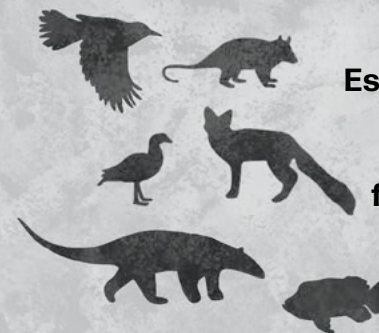
Os animais silvestres também sofrem: a onça-pintada, o macaco-da-noite e a harpia estão entre as espécies endêmicas em vias de extinção devido à perda de seu habitat.



Produção de suínos e de ração na Orinoquia

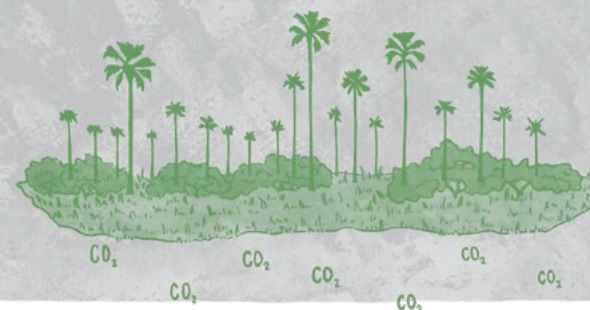
No departamento de Meta, a Aliar-Fazenda possui 50 mil hectares de terra. A empresa cultiva soja e milho para ração de engorda para os 880 mil suínos que abate em suas megagrangas. Assim, produz 100 milhões de quilos de carne por ano.

Esse é o território indígena Sikuni, conhecido pela biodiversidade de seus rios, que abriga mais de 700 espécies de peixes. Porém, a contaminação por despejos adoeceu suas águas: **o rio Muco hoje ultrapassa em 1.500 vezes o limite legal de bactérias coliformes fecais.** Como consequência, os Sikuni foram deslocados à força de seu território, privados de sua cultura de pesca e de seu sustento econômico.



Esses impactos também repercutem em todo o bioma: os buritizais e as savanas alagáveis perderam sua fauna endêmica, como tamanduás-mirins, gambás, raposas, patos-carreiros e corupções.

Essas são áreas úmidas fundamentais na luta contra as mudanças climáticas, por sua capacidade de absorção de carbono, superior à da própria Floresta Amazônica.



MÉXICO



Yucatán: a península das megagranjas de suínos

Yucatán, lar dos povos maias, está localizado no Anel dos Cenotes, uma região de cavernas, águas subterrâneas e florestas tropicais, reconhecida como Área Natural Protegida e Sítio Ramsar.

A chegada das granjas industriais de suínos se acelerou após o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), a partir de 2000. A empresa Kekén, que monopolizou a produção, o processamento e a exportação de carne suína no México, opera na região cerca de 800 megagranjas, com até 50 mil suínos cada uma.

800 MEGA GRANJAS **50,000 MIL SUÍNOS** CADA UMA

55% da produção é exportada para mais de 14 países em quatro continentes, entre eles os Estados Unidos, a Coreia do Sul, o Japão, o Canadá e a China.



Isso ocorre principalmente em território indígena, onde a lei nacional exige processos de consulta prévia. No entanto, nenhuma consulta foi registrada nos últimos 10 anos, e **90% das granjas operam sem licenças ambientais**.

Sitilpech é uma das comunidades mais afetadas pelas granjas. Os moradores denunciavam que, desde a abertura da megagrancha em 2017, há um odor constante de excremento e as árvores deixaram de dar frutos.

A água da torneira causa doenças

A megagrancha despeja os resíduos dos suínos — carregados de antibióticos, bactérias fecais, excesso de nutrientes e matéria orgânica — nos aquíferos da região, em especial nos cenotes. Esses resíduos se infiltram na rocha calcária porosa, que se conecta às águas subterrâneas que abastecem os habitantes e demais seres vivos da região.



As comunidades maias resistem diante de Kekén

Os moradores de Homún levaram um caso à Suprema Corte, detalhando os danos ambientais e à saúde humana causados por essas megagranjas. Assim, conseguiram o fechamento dessas instalações e de outra megagrancha da região, em Santa María Chí, perdesse suas licenças após três décadas de contaminação. Agora, buscam o reconhecimento dos cenotes como sujeitos de direitos.

Mas a resistência os colocou em risco: os moradores de Sitilpech protestaram em 2023 e foram violentamente reprimidos pela polícia. Até o momento, alguns líderes sociais continuam sendo alvo de hostilização.





A fauna silvestre: as vítimas colaterais da agroindústria

O Brasil é o maior exportador mundial de carne de frango e de soja, o segundo maior exportador de carne bovina e o quarto maior exportador de carne suína.



Atualmente, mais de 40% da safra de soja do Brasil é transformada em ração animal. Isso ocorre principalmente nas áreas desmatadas da Amazônia.

Os animais silvestres também são vítimas da indústria. **A Brighter Green apoiou a investigação de alguns casos recentes:**

Na Bahia, em uma propriedade dedicada ao cultivo de grãos para ração, uma família de três lobos-guarás morreu afogada nos canais de irrigação da fazenda. Esses “rios artificiais”, revestidos com lona escorregadia, não impedem que animais selvagens entrem neles e os impedem de escapar das águas; por isso, eles se afogam.

No Pantanal, a maior área úmida tropical do mundo, vivem animais que constam na Lista de Espécies Ameaçadas, como a onça-pintada, a ariranha, o cervo-do-pantanal e o tamanduá-bandeira.

Em um incêndio florestal, podem morrer de 2 a 3 animais por hectare, e, somente em 2024, foram queimados 1,4 milhão de hectares.



Os incêndios que devastam biomas como o Pantanal fazem parte do processo de apropriação de terras pelas corporações: primeiro, desmatam o terreno e, depois, queimam as parcelas para introduzir o gado. Está comprovado que a expansão da JBS, a maior empresa de carnes do Brasil, esteve relacionada a esses incêndios.

Embora os incêndios sejam formas evidentes de destruição, as corporações utilizam outras táticas para se eximir da responsabilidade pelo impacto ambiental e social.



A empresa SLC Agrícola, fornecedora de soja, milho e algodão para gigantes do agronegócio como Bunge e Cargill, assumiu um compromisso de desmatamento zero em 2021. No entanto, em uma das propriedades que arrenda no Piauí, no nordeste do Brasil, foi identificada a derrubada de árvores em áreas que fazem divisa com o território do povo tradicional Melancias, cujos integrantes afirmam que os proprietários das terras desmatadas se apropriaram ilegalmente de suas terras, em uma disputa judicial que já dura dez anos. Este é apenas um exemplo de como essas empresas utilizam o greenwashing, ou “lavagem verde”, para continuar suas operações sem enfrentar consequências.



O extrativismo também tem a forma de granja industrial e de produção de ração.



As grandes corporações querem transformar a América Latina em uma zona de sacrifício e de abastecimento para o Norte Global. **As regiões de maior renda representam menos de um quinto da população mundial, mas consomem mais de um terço de todas as proteínas de origem animal.** Não podemos permitir isso.

Lutar contra o extrativismo é lutar contra esse sistema de produção alimentar que adoce, destrói e ameaça nossos direitos.



**Por nossos animais, nossas comunidades e nosso território.
Por nosso planeta!**

Mais informações



Brighter Green

www.brightergreen.org

Textos de Goldy Levy
Design gráfico de Daniela Mekler